



Universidade de Brasília (UnB)
Faculdade Ciência da Informação (FCI)
Curso de graduação em Biblioteconomia

O Livro, como suporte da escrita: evolução e tendências atuais

Thiago Silva Macedo

BRASÍLIA
2011

Thiago Silva Macedo

O Livro, como suporte da escrita: evolução e tendências atuais

Monografia apresentada como requisito para
conclusão do curso de Graduação em
Biblioteconomia da Faculdade de Ciência da
Informação da Universidade de Brasília

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Dulce Maria Baptista

BRASÍLIA

2011

M1411

Macedo, Thiago Silva.

O livro, como suporte da escrita: evolução e tendências atuais /
Thiago Silva Macedo. — Brasília: [s.n.], 2011.
59 f.: 29 cm.

Orientação: Profª Drª Dulce Maria Baptista.

Monografia (graduação) – Universidade de Brasília, Faculdade de
Ciência da Informação, 2011.

1. História do livro. 2. Evolução do livro. 3. Livro eletrônico. I. Título

CDD 002(09)

DEDICATÓRIA

A minha mãe, pelo amor e pela força que me dedicou.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela proteção e graças.

A minha mãe Luzia pelo seu entusiasmo e amor constante.

Aos meus irmãos, Adriana e Ismael, pela força e companheirismo.

Aos familiares que contribuíram e torceram pela minha vitória profissional.

A professora Dulce Maria Baptista, pela orientação e atenção dispensada.

A todos os professores da FCI, que em muito contribuíram para minha formação acadêmica.

Aos colegas e profissionais da Biblioteca do Tribunal Superior do Trabalho que, durante meu estágio, sempre me incentivaram.

Aos companheiros de trabalho da Seção de Tecnologia da Informação do Departamento de Ensino da Aeronáutica que tem me ajudado bastante.

RESUMO

O presente trabalho apresenta a história do livro desde o início da escrita até os dias atuais. A partir dos dados coletados, traz uma reflexão acerca dos possíveis desenvolvimentos futuros do livro eletrônico. As reflexões acerca dos desenvolvimentos futuros do livro foram pautadas pela nossa concepção contemporânea, pois não é possível abandonar nosso tempo nem para falar acerca do passado nem para conjecturar acerca do futuro. Para realizá-lo foi necessária uma pesquisa bibliográfica sobre como o livro se desenvolveu ao longo do tempo, e em que medida as modificações por ele sofridas determinaram alterações nas funções por ele desempenhadas na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: História do livro. Escrita. Evolução do livro. Livro eletrônico.

ABSTRACT

This work presents the history of the book since the beginning of writing until the present day. From the data collected, provides a reflection on the possible future developments of the electronic book. The reflections on the future developments of the book were guided by our contemporary conception, because one cannot ignore our present time to talk about the past or to speculate about the future. To accomplish the work, a literature review was carried out about how the book evolved over time, and to what extent the changes it underwent exerted influence on the functions it performed in society.

KEYWORDS: Book history. Writing. Evolution of the book. Electronic book.

"Um Livro
Não há transporte comparável a um livro
Ou embarcações como a página
De tocante poesia,
Para nos levar às plagas mais longínquas
Tal travessia ao mais pobre oferecida
Não tem taxas de viagem
Quão frugal é a carruagem
Que ampara a alma humana!"

(Emily Dickinson)

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1. Pictogramas em pedra	16
Figura 2. Figura rupestre: Presa do caçador	16
Figura 3. Escrita Cuneiforme em tábuas babilônicas	17
Figura 4. Pedra de Rosetta.....	18
Figura 5. Touceiro de Papiro	18
Figura 6. Rolos do Mar Morto - primeira página de Ação de Graças.....	20
Figura 7. Papiros egípcios.....	22
Figura 8. Pergaminho de Isaías.....	23
Figura 9. Encadernação bizantina	26
Figura 10. Códice – Comentários ao Apocalipse do beato de Liébano	27
Figura 11. Livro das Horas, manuscrito em pergaminho no século XV	28
Figura 12. Incunábulo - antifonário do século XV	29
Figura 13. Retrato de Gutenberg.....	30
Figura 14. Oficina de impressão em tipos móveis no tempo de Gutenberg	31
Figura 15. Oficina tipográfica de 1846.....	32
Figura 16. Livro de Stephen King em um e-book	33
Figura 17. Tablet	35
Figura 18. Site de venda de e-books.....	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 JUSTIFICATIVA.....	11
3 PROBLEMA	12
4 OBJETIVO	13
4.1 Objetivo Geral.....	13
4.2 Objetivos Específicos	13
5 METODOLOGIA.....	14
6 REVISÃO DE LITERATURA.....	15
6.1 A Origem e os tipos de Escrita	15
6.2 Os Suportes.....	21
6.3 O Surgimento da Imprensa.....	30
6.4 E - Books e Tendências Atuais.....	33
7 LISTA DE SITES QUE DISPONIBILIZAM E-BOOKS	35
8 CONCLUSÃO	37
9 REFERÊNCIAS	39
ANEXO 01 - LISTA DE TERMOS	41

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui pesquisa monográfica a ser apresentada como requisito parcial de conclusão de curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade de Brasília. Dentre os diversos temas e disciplinas estudadas no decorrer do curso, optou-se por explorar a questão do livro, que se revela tão antiga (por ser o suporte mais permanente do pensamento) e tão atual (em função das transformações geradas pelas novas tecnologias), e também por se constituir necessariamente em objeto de interesse das mais diversas profissões que lidam com o conhecimento e seus suportes, notadamente a profissão dos bibliotecários, que terá sempre que lidar com o objeto livro, independentemente da forma física que este vier a apresentar. A história do livro, através dos séculos, pode municiar de argumentos a favor ou contra um certo pensamento referente ao desaparecimento do livro em sua forma impressa, porém não há evidências palpáveis de que isso vá realmente acontecer. O livro mudou de feição através do tempo. Certas técnicas tornaram-se ultrapassadas, enquanto novas surgiram. O que é inegável é o papel fundamental da escrita, seja em suporte mineral (pedra ou argila), vegetal (papiro), animal (pergaminho), e depois em sua evolução do manuscrito para o impresso, e mais recentemente para o meio eletrônico, como registro da memória e do pensamento. É nesse contexto de evolução da própria escrita que se dá a valorização do livro, como um dos suportes mais permanentes do conhecimento, e é também nesse contexto que se pode situar o papel inegável que o livro exerceu e exerce como elemento primordial na transmissão da informação, do conhecimento, dos produtos da sabedoria e da criatividade. Mais que isso: o livro tem sido, e ainda é, um instrumento civilizatório por excelência. É assim desde os primeiros registros da escrita até hoje. O trabalho busca contribuir a uma reflexão sobre os caminhos do livro ao longo da História, bem como identificar perspectivas de sua evolução diante do cenário de inovação tecnológica da atualidade.

2 JUSTIFICATIVA

O livro procurou responder a certas necessidades, consolidou certas propriedades textuais e gráficas, prestou-se a certos usos, levou muito tempo para ter sua forma atual: novas formas apareceram e têm aparecido, mas ainda não sabemos ao certo qual será seu aspecto no futuro.

O livro é a principal e a mais abundante “matéria-prima” de um bibliotecário. Na área de biblioteconomia escreve-se pouco sobre história do livro. Aliás, os autores renomados sobre esse assunto são, na maioria, egressos de Comunicação e História.

Procura-se disponibilizar esse histórico do livro com o intuito de estimular o surgimento de futuros trabalhos sobre esse principal suporte do conhecimento humano. Conhecer esse velho companheiro permite a percepção dos diversos tipos de linguagens, suportes, autores, leitores, culturas. Enfim, ajuda a prosseguir na história.

3 PROBLEMA

Como se deu a transformação do livro em suas mais variadas formas que **vão** dos antigos livros escritos a mão (manuscritos) até os livros atuais entre eles o e-book (livro eletrônico)?

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

Levantar a importância do livro através dos tempos, e sua grande utilidade mesmo em face das novas tecnologias, levantando questões acerca da sua importância para a humanidade.

4.2 Objetivos Específicos

- Traçar uma panorâmica da evolução do livro através dos tempos com suas diversas formas que vão do manuscrito até os atuais e-books.
- Contribuir à valorização do livro, independentemente da forma (impressa ou eletrônica) em que este se apresente.

5 METODOLOGIA

O presente trabalho realiza uma análise descritiva, utilizando o método histórico narrativo. Trata-se portanto, de uma pesquisa documental com levantamento bibliográfico e exploratório, uma revisão de literatura sobre a evolução do livro até nossos dias.

6 REVISÃO DE LITERATURA

De acordo com a metodologia adotada, a revisão de literatura apresentada a seguir contempla os seguintes tópicos: A origem e tipos de escrita; os suportes; o surgimento da imprensa; e-books e tendências atuais.

6.1 A Origem e os Tipos de Escrita

A escrita surgiu em sociedades relativamente complexas, cumprindo inicialmente funções ritualísticas ou de registro de dados econômicos, administrativos ou legais cuja preservação fidedigna se fazia necessários.

Segundo Silva Filho (1998), ainda não se sabe com certeza absoluta, porém a primeira escrita apareceu na região entre os rios Tigre e Eufrates, na Mesopotâmia, local onde surgiram as primeiras civilizações urbanas, com as cidades de Lagash, Umma, Nippur, Ure Uruk, entre o sexto e o primeiro milênio a.C. Como bem esclarece Silva Filho (1998), essas civilizações estavam formadas por pequenas comunidades sob a autoridade de um soberano e ante a necessidade de controle administrativo, surgiram os primeiros registros da escrita que foram os registros contábeis relacionados com as quantidades de sacos de grãos ou cabeças de gado que eram negociados. Este tipo de conta estava reservada a um grupo privilegiado: os escribas, que ocupavam também importantes cargos religiosos.

Esses registros contábeis realizavam-se sobre tábuas de argila, que uma vez escritas, eram secas ao sol. Utilizavam-se para escrever, objetos de metal, osso e marfim, largos e pontiagudos em uma das extremidades, e plano na outra, em forma de paleta com a finalidade de poder cancelar o texto, alisando o material arranhado ou errado. Nesse mesmo contexto, Silva Filho (1998) afirma que “Em princípio, as tábuas só serviram para registros contábeis, posteriormente foram utilizadas para inscrições votivas, comemorativas, narrações históricas, relatos épicos”. Exemplos disso são as estelas babilônicas e também chinesas, o código de Hammurabi e a epopéia de Gilgamesh, estes elaborados com material muito mais duradouro. Essas descobertas chegaram até nós, graças ao descobrimento da biblioteca de Ebla (cidade próxima a Ugarit) atual Ras Shamra no norte da Síria.

Figura 1 - Pictogramas em pedra.



(Fonte: Enciclopédia Barsa, 2000)

A escrita tem como um de seus antecedentes, os desenhos de figuras que representavam cenas de cotidiano e da vida do homem primitivo. Através de desenhos simplificados, os “pictogramas”, eram expressos o cotidiano e a realidade do povo. Ao longo dos séculos, o pictograma deixa de representar o objeto por ele designado para retirar seu significado do contexto, como coloca Jean (2002). Inicialmente, usava-se uma figura que representava um objeto. Este tipo de representação poderia ser utilizado para qualquer língua falada, pois possuía um grande numero de símbolos.

Figura 2 - Presa do caçador: estas representam, provavelmente, a história de uma caçada, com as criaturas abatidas.



Fonte: Enciclopédia Barsa, 2000.

Já entre 3250 e 1950 a.C., através dos sumérios surge a escrita cuneiforme (figuras gravadas sobre tábuas de argila utilizando-se de estilete). Sobre a escrita cuneiforme:

[...] tira seu nome do aspecto exterior dos sinais, que se apresentam em forma de cunhas, esses aspecto se deve a um fator de ordem material, o caniço talhado obliquamente, empunhado como um pilão, e com o qual o escriba talhava rapidamente um tablete de argila fresca. A página era em seguida cozida no forno (MARTINS, 1998, p.37)

Figura 3 - Escrita cuneiforme em tábua babilônica.



(Fonte: Enciclopédia Barsa, 2000)

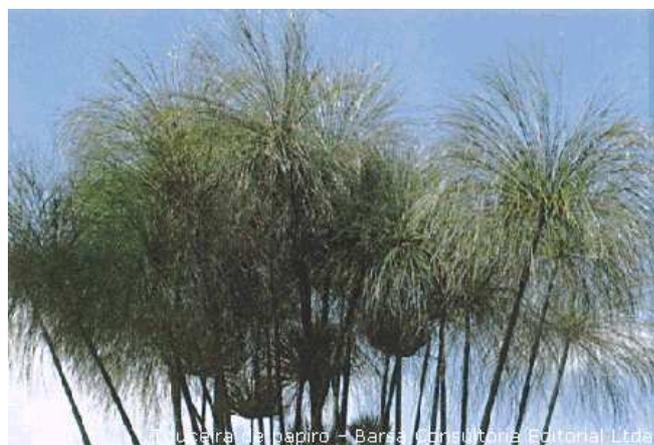
De forma similar, os antigos egípcios por volta do 3.150 a.C. inventam um tipo de escrita baseada em símbolos gráficos denominados hieróglifos. Segundo a Wikipédia (2011), hieróglifo é um termo que junta duas palavras gregas: ierós (sagrado), e glifos (escrita). Apenas os sacerdotes, membros da realeza, ocupantes de altos cargos, e escribas (escrivães) conheciam a arte de ler e escrever esses sinais "sagrados". Constituíam uma escrita monumental e religiosa, pois eram usados nas paredes dos templos, túmulos, etc. Existem poucas evidências de outras utilizações, como a Pedra da Roseta¹.

¹ A Pedra Roseta foi redescoberta em 1799 por um soldado integrante da expedição francesa ao Egito. Constitui o exemplo mais conhecido de escrita hieroglífica.

Figura 4 - Pedra de Roseta

Fonte: Enciclopédia Barsa, 2000.

Durante mais de três milênios em que foram usados, os egípcios inventaram cerca de 6900 sinais. Um texto escrito nas épocas dinásticas não continha mais do que 700 sinais, mas no final dessa civilização, já eram usados milhares de hieróglifos, o que complicava muito a leitura, sendo isso mais um dos fatores que tornava impraticável o seu uso e levou ao seu desaparecimento.

Figura 5 - Touceira de Papiro.

Fonte: Enciclopédia Barsa, 2000.

Ao lado de espécies primitivas da escrita podemos colocar a escrita **mnemônica**. Esse tipo de escrita baseia-se em cores e está dividida em dois sistemas: os quipos e os wampus. De acordo com Martins (1998), os quipos eram utilizados pelos Incas na América do Sul e são cordões formados por fio de lã de cores diversas, aos quais se colocam, a diferentes alturas, nós mais ou menos complicados, combinando ao mesmo tempo a cor dos cordões, a espessura e a posição dos nós e amarrando-os uns aos outros, obtendo-se assim uma representação das idéias e do seu encadeamento. Em relação ao *wampus*, constituem um sistema baseado em colares de conchas justapostas, cujas combinações formam figuras geométricas. Alguns desse colares chegam a empregar seis ou sete mil conchas.

A significação repousa nas cores das conchas e nas figuras formadas, por exemplo:

A cor negra e violeta indicam perigo.

O branco representa a paz, e o vermelho, a guerra.

Com a necessidade de fixar e transmitir o pensamento, o ser humano percebeu que era possível substituir a imagem visual pela sonora decompondo o som das palavras: os sons foram reduzidos a unidades justapostas, independentes ou não; daí surgiram dois tipos de escrita: a escrita silábica, que se fundamenta em grupos de sons representados por um sinal; a escrita alfabética, pela qual cada sinal é representado por uma letra. Com o domínio da letra, o homem adquiriu um instrumento de uma docilidade, de uma flexibilidade infinita, e por conta disso, todos os caminhos da linguagem escrita se tornaram abertos daí por diante. Foi através da invenção de letras que foi possível inventar o sistema de escrita fonético, que vem a ser o mais simples entre todos os sistemas de escrita, segundo (MARTINS, 1998).

Quando se fala da passagem da escrita ideográfica – cujos tipos clássicos são os hieróglifos, o chinês e os caracteres cuneiformes – para a escrita fonética, na qual se destaca o alfabeto, já que cada letra passa a representar um som numa linguagem de letras que se combinam para formar palavras, não devemos falar de uma descoberta, mas antes de um lento processo evolutivo. Na análise de Pires (2003) muito embora não haja datas precisas, existem vestígios de que as primeiras tentativas de criar uma nova forma de escrever, mais rápida e fácil de aprender,

tenham ocorrido entre o povo de Ugarit (atual Síria), que desenvolveu um alfabeto composto por vinte e cinco a trinta signos cuneiformes. Logo após, os Fenícios desenvolveram um alfabeto com vinte e duas letras. Dentro dessa perspectiva o alfabeto fenício era composto somente de consoantes, isto é, no sentido próprio de sons ou fonemas que só existem na língua falada no momento em que “soam”, ou melhor dizendo, realizam-se ao lado das vogais (JEAN, 2002). Estes povos foram os grandes responsáveis por disseminar a nova forma de se manter registro, contribuindo para o desenvolvimento do comércio da época.

Figura 6 - Rolos do Mar Morto: primeira página de Ação de Graças.



(Fonte: MARTINS, 1998).

Na abordagem de Pires (2003) por onde quer que os fenícios se fizessem deslocar, levavam consigo esta nova invenção, o que acelerou todo o processo de criação dos sistemas de escrita. Desta maneira, diversos povos criaram para eles próprios, de acordo com as suas línguas, outros novos alfabetos. Como também afirma Jean (2002) a história da escrita é uma história de família, tanto a escrita árabe como a hebraica, ainda hoje em uso, beberam da mesma fonte.

Assim nasceu uma complexa família de alfabetos, entre os quais se destacam o alfabeto etrusco, o cirílico, a escrita hebraica e a aramaica (PIRES, 2003).

De acordo com estudos atuais sabe-se que o alfabeto etrusco do século VIII a.C. era formado por vinte letras, bem parecido com o alfabeto grego primitivo que foi utilizado pelos povos Dórios da Sicília.

Com a contribuição do alfabeto fenício ainda se desenvolveram duas formas de escrita: a hebraica antiga, aproximadamente no século V a.C., e a forma aramaica (que foi a língua de Cristo), utilizada aproximadamente no século VI d.C.

A escrita quadrangular hebraica, base da escrita da cultura judaica, é composta por vinte e duas letras, que se inscrevem numa moldura retangular invisível, da direita para a esquerda. Do aramaico derivaram uma série de escritas diversificadas.

Em relação à criação do alfabeto latino, como ressalta Carabajal (2011), ele se originou de uma versão de um sistema de escrita modificado pelos gregos, derivado do alfabeto criado pelos fenícios. E, conseqüentemente, o alfabeto português é derivado do alfabeto latino.

O alfabeto cirílico, do século X d.C., foi uma adaptação do antigo alfabeto grego. As primeiras quarenta e três letras do alfabeto cirílico derivou-se de combinações entre o alfabeto hebraico e o grego.

6.2 OS SUPORTES

De acordo com Labarre (1981) o aparecimento do livro está ligado aos suportes da escrita. Desde os primeiros tempos, o homem procurou registrar suas impressões sobre o mundo, no interior das cavernas, utilizando para isso pedras, materiais inorgânicos e orgânicos, à base de tintas vegetais e minerais. Ele experimentou outros suportes encontrados na natureza, como forma de registrar a visualidade ou sua escrita, como a argila, ossos, conchas, marfim, folhas de palmeiras, bambu, metal, cascas de árvores, madeira, couro, papiro, velino, pergaminho, seda, e finalmente, o papel.

No que diz respeito ao papiro, Barata (2003) ressalta que o papiro é uma planta aquática, cujo talo era cortado na parte interior onde se encontravam as fibras muito resistentes e flexíveis e que unidas em lâminas, serviam de superfície própria para escrever. Essa planta era encontrada às margens do rio Nilo, no Egito, há mais

de 3 milênios a.C. e representou para os egípcios um dos suportes mais usados para a escrita.

O papiro permaneceu o suporte essencial do livro do Egito e difundiu-se no mundo grego e no império romano; manteve-se até até o século X ou XI da nossa era, quando era utilizado quase exclusivamente pela chancelaria romana (LANBARRE, 1981, p.9).

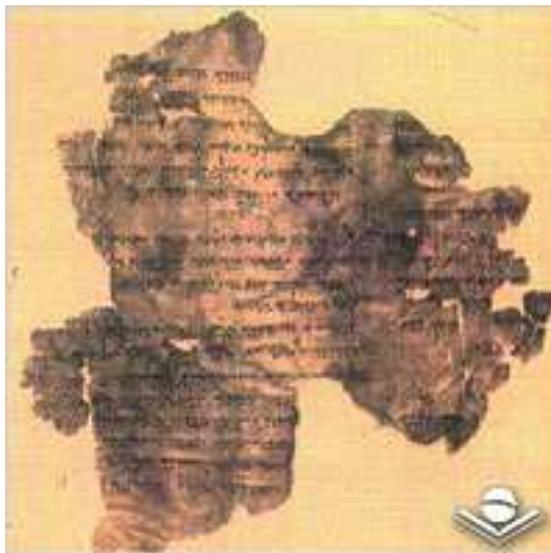
Figura 7 - Papiros egípcios.



Fonte: Enciclopédia Barsa, 2000.

Outro suporte difundido na antiguidade foi o pergaminho. O hábito de escrever em couro foi muito difundida por todo o Oriente desde os tempos antigos, afirma (LITTON, 1949). Diante da escassez e do alto custo do papiro, os persas, em Pérgamo, na Ásia Menor, passaram a substituí-lo pelo velino e pelo pergaminho. O velino era retirado de peles de animais (não nascidos, como os fetos, ou os muito jovens). O velino e o pergaminho recebiam um tratamento específico de raspagem, banhos de soda e secagem em bastidores, o que lhes conferiam propriedade alcalina de boa durabilidade, características para torná-los flexíveis e apropriados para a escrita.

Figura 8 - Pergaminho de Isaías.



(Fonte: <http://irmaos.net/biblia02.html>).

De acordo com relatos históricos, o papel foi inventado na China por volta de 105 d.C. por um chinês chamado Tsai Lun, um mandarim do palácio do imperador Ho. O processo de fabricação do papel chinês é assim descrito:

Juntavam-se as matérias-primas num tanque de água e batia-se para separar as fibras. A polpa líquida resultante era colhida numa peneira retangular, deixando-se escorrer a água. Retirada e posta a secar, a película formada pela camada de fibras sobre a peneira resultava em folha de papel (CAMPOS, 1994, p.76).

Usado inicialmente em cerimônias religiosas devido ao seu valor sagrado, o papel tornou-se, durante seis séculos, propriedade exclusiva dos chineses. “Da China o papel se espalhou pela Ásia” (CAMPOS, 1994 p.76). Logo após os chineses chegaram ao Oriente Médio. Como lembra Barata (2003), os chineses caíram prisioneiros dos árabes, e dadas as circunstâncias impostas, eles foram obrigados a ensinar aos árabes o segredo da técnica de fabricação do papel. Como não era encontrada na região a mesma matéria-prima usada na China, o papel árabe começou a ser feito de trapos de roupas usadas de linho e de algodão, que

permitiram a obtenção de papéis mais grossos que os papéis chineses e japoneses, com fibras longas, garantindo-lhes mais resistência.

Na Europa, o papel começou a ser fabricado pela primeira vez no século XI. Como também lembra Paiva (2010, p. 34) a tecnologia para a fabricação do papel chinês foi conhecida pelos europeus depois que os árabes venceram os chineses em Samarcanda², no século VIII da nossa era. A partir daí, os árabes levaram os segredos da fabricação para o norte da África e para a Espanha. O papel substituiu o pergaminho no continente europeu, que o utilizava para fabricação de livros manuscritos e com iluminuras. Na época da invenção dos tipos móveis por Gutenberg na Alemanha no séc.XV, já existiam 50 moinhos de fabricação do papel na Europa. Conforme Barata:

A invenção do papel até os dias de hoje, são dezenove séculos em que os povos do mundo oriental e ocidental utilizaram e utilizam o suporte do papel para difundir os segredos da Arte, da História e da Cultura, através de todos os tempos (BARATA, 2003).

Atualmente, a madeira é a matéria prima para a produção do papel na maior parte do mundo, com a produção e o fornecimento da celulose, que é tratada quimicamente para se obter o papel nas suas mais variadas formas. Apesar de outras fibras de plantas serem utilizadas, a fibra da madeira, é a mais adequada para a elaboração do papel, nas melhores condições.

Paiva (2010) conclui que desde o papel de Troyes (França) e de Fabiano (Itália) nunca um suporte adaptara-se tão bem às finalidades de leitura, transporte, armazenagem, estudo, arte, consulta, pesquisa e abrigo.

“A História do livro tem cerca de 6.000 anos. Uma longa caminhada que, não obstante, corresponde apenas a um oitavo da existência do Homo Sapiens sobre a face da terra” (CAMPOS 1994, p.221). Com certeza é um dos pilares da nossa civilização e permanecerá assim ainda por vários anos.

Na história da humanidade existiram diversos tipos de livros. De acordo com Levacov (1997), o mais antigo suporte da informação foi a pedra, onde eram feitas as pictografias rupestres. Dentre os outros suportes existentes na Antiguidade, havia aquilo que os gregos denominaram de *biblos* e os romanos de *liber*, como madeira,

² Samarcanda é segunda maior cidade do Uzbequistão e a capital da província de Samarcanda.

e também a argila úmida, onde um instrumento cortante triangular, em forma de cunha, servia para escavar aquilo que chamamos de escrita cuneiforme. Também as placas de cera, os tecidos, ossos e marfim foram utilizados como suporte para os primeiros livros.

O livro de pergaminho constituiu outro tipo de suporte, mais forte e flexível, aproveitado de ambos os lados, cujo conteúdo, diferentemente do papiro, podia ser raspado, permitindo o reaproveitamento do suporte. Dezenas, muitas vezes centenas de animais precisavam ser abatidos e ter seu couro curtido para fornecer material para um único livro. O desenvolvimento de bibliotecas, como as de Alexandria (no Egito) e a de Ptolemaion (em Atenas), assim como o comércio de livros em Roma, atestaram a crescente expansão do rolo de papiro e do pergaminho.

Ainda segundo Levacov (1997), cem anos antes de começar a Idade-Média o pergaminho já substituíra o papiro quase que inteiramente, dando origem ao códice, livro que, em vez de ter a forma cilíndrica, era feito de folhas encartadas, dobradas e costuradas, constituindo um caderno. Com isso tanto a produção quanto o comércio de livros ganham um grande impulso e passam a se desenvolver independentemente dos interesses religiosos.

Os materiais necessários para a escrita, tais como tinta e pergaminho – ou, mais tarde, o papel, passaram a ser encontrados em lojas abertas especialmente para dar conta dessa nova demanda. A tecnologia de produção de papel a partir de algodão e trapos de linho acabou por suplantá-la de pergaminho, permitindo um produto final mais leve e barato.

O livro de papiro de acordo com Levacov (1997) apresentava-se sob a forma de um rolo (chamado *kilindros*, pelos gregos e *volumen*, pelos romanos) possuindo, em média, de 6 a 10 metros de comprimento. Era dividido em colunas verticais, e escrito de um lado só, no sentido horizontal das fibras. Os papiros eram utilizados sob a forma de folha ou rolo. Podia receber as tintas com facilidade.

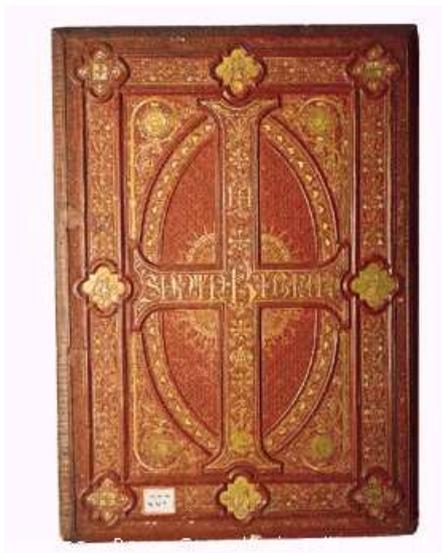
Já os códices vieram substituir os rolos (papiros enrolados em um cilindro de madeira) comumente utilizados na Antiguidade. Tábulas retangulares de madeira, revestidas de cera e unidas por cordões ou anéis, foram utilizadas pelos gregos e romanos para receberem registros contábeis ou textos didáticos e são os antepassados imediatos dos códices. De acordo com a Enciclopédia Barsa:

No final do Império Romano e durante toda a Idade Média, a transmissão do saber humano se fez por meio de códices, livros manuscritos, geralmente em pergaminho, que constituem autênticas obras de arte. (ENCICLOPÉDIA BARSA, 2000).

O códice ou *liber quadratus* apresentava várias vantagens em comparação ao rolo. Este tinha pouca praticidade, pois para encontrar um determinado trecho no meio de uma obra, era preciso desenrolá-lo até achar o trecho e depois enrolá-lo novamente. Já o livro tem maior praticidade, ele permite ser facilmente aberto em qualquer página e, também possibilita que se escreva dos dois lados de cada folha, permitindo economizar material além de incluir mais informação.

Num rolo de tamanho normal pode haver espaço apenas para o evangelho de São Mateus, ao passo que a Bíblia inteira cabe num livro. Além disso, os códices mostravam-se mais fáceis de armazenar e proteger. (ENCICLOPÉDIA BARSA, 2000).

Figura 9 - Encadernação bizantina.



(Fonte: Enciclopédia Barsa, 2000)

O códice apareceu no século I da era cristã, contendo textos acadêmicos, relatos de guerras, registros contábeis, entre outros. Seu uso se intensificou nos séculos II e III em consequência do aumento da demanda de livros e da adoção do

pergaminho, que no século IV veio para substituir o papiro. Nessa época, o códice substituiu definitivamente o rolo e adquiriu a forma mais característica de livro. Formados por vários cadernos, ou “quaderni”, os códices constavam de uma quantidade variável de fólhos (que são folhas escritas dos dois lados).

Figura 10 – Códice: Comentários ao Apocalipse do beato de Liébano.



(Fonte: Enciclopédia Barsa, 2000)

No Império Romano desenvolveu-se uma pequena e incipiente indústria livreira. Os editores repartiam o pergaminho entre os copistas, aos quais o texto era ditado. E em seguida corrigidos por revisores para encadernação.

Os primeiros mosteiros cristãos acolheram em sua estrutura, frades encarregados de preparar as tintas e os pergaminhos, enquanto outros, chamados “scriptores”, copiavam os textos na sala conhecida como “scriptorium”.

Sendo os mosteiros e abadias locais responsáveis pela escrita dos códices, cada um deles possuía seu próprio scriptorium, onde os manuscritos, ou seja, os livros escritos à mão, eram copiados, decorados e encadernados (QUEIROZ, 2005).

Com a chegada do século XII, quando surgiram as universidades e o avanço do pensamento ocidental experimentou uma completa revolução, a demanda de códices se multiplicou extraordinariamente e desenvolveu-se uma nova indústria,

que pouco devia à da época romana. As grandes cidades universitárias acolhiam todos os que participavam da fabricação dos livros, desde copistas e encadernadores até comerciantes. Embora as técnicas empregadas no século XII não diferissem das antigas, os novos artesãos do livro, agora reunidos em grêmios, rivalizavam entre si na excelência de seus trabalhos e formavam escolas ligadas a alguma universidade ou país.

As universidades, por sua vez, não permitiam a circulação de cópias de má qualidade e, em seus esforços para proteger a pureza e a exatidão dos textos, obrigavam os *stationarii*, ou comerciantes de livros, a terem *exemplaria* ou cópias mestras autorizadas, das quais não podiam se desfazer. (ENCICLOPÉDIA BARSA, 2000).

Nessa época, e antes da invenção da imprensa, os leitores podiam obter livros comprando-os diretamente nos *stationarii* ou encomendando-os a um *scriptor* ou copista. Estes costumavam alugar os cadernos aos livreiros, com preços determinados pela universidade. O sistema de cadernos permitia que vários copistas trabalhassem na mesma obra simultaneamente. As universidades também se reservavam o direito de inspecionar os *exemplaria* em poder dos livreiros.

Figura 11 - Livro das Horas, manuscrito em pergaminho no século XV.



(Fonte: Enciclopédia Barsa, 2000)

Além desses livros de texto, que tinham certa difusão, no fim da Idade Média as igrejas e os grandes magnatas costumavam encomendar a confecção de luxuosos códices de grande valor artístico. Esses livros já não eram realizados por copistas, mas sim por calígrafos e ilustradores muito especializados. Foi também freqüente a redação de códices sobre pergaminhos anteriormente escritos e depois

raspados e apagados, os palimpsestos, que proliferaram, sobretudo nos séculos VII e VIII, devido à falta de pergaminhos virgens.

O Incunábulo é uma expressão que se dá a um livro impresso nos primórdios da tipografia, ou seja, desde sua invenção na Europa, na década de 1450, até o final do século XV.

A palavra incunábulo vem do latim “incunabula”, assim denominadas as obras mais antigas cuja impressão são anteriores ao ano de 1500, e que correspondem a infância da imprensa (LITTON, 1949, p.74).

Figura 12 - Incunábulo - antifonário do século XV.



Fonte: Enciclopédia Barsa, 2000.

Nesta primeira fase costumam agrupar-se os incunábulos em duas classes distintas: tabelários ou xilográficos e tipográficos. À primeira classe pertencem os incunábulos impressos por meio de pranchas de madeira de uma só peça, esculpidas ou gravadas; à segunda classe pertencem os que são impressos já em caracteres móveis, a princípio em madeira e depois em metal. (GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, v.13).

6.3 O SURGIMENTO DA IMPRENSA

Como os antecedentes da imprensa, os chineses e coreanos já tinham desenvolvido um sistema de impressão por tipos móveis, mas ele era desconhecido no Ocidente. O chinês Pi Ching criou em 1041 uma maneira de imprimir letras sobre o papel. Tipos móveis eram colocados em uma placa de argila e depois pressionados sobre a folha, mas essa prensa não resistia ao uso prolongado. A técnica, já conhecida pelos chineses não era utilizada, pois o seu "alfabeto" tinha 20 000 caracteres, o que acabava por torná-la impraticável, e isso contribuiu, no longo prazo, para que a invenção da imprensa fosse atribuída apenas a Gutenberg:

Todas as discussões nos conduzem invariavelmente, como se vê, a Gunterberg, que tem a seu favor não somente as premunicações históricas, mas ainda a certeza de que, na pior das hipóteses, aperfeiçoou definitivamente processos rudimentares da tipografia que acaso conheceria (MARTINS, 1998, p. 164).

Figura 13 - Retrato de Gutenberg.



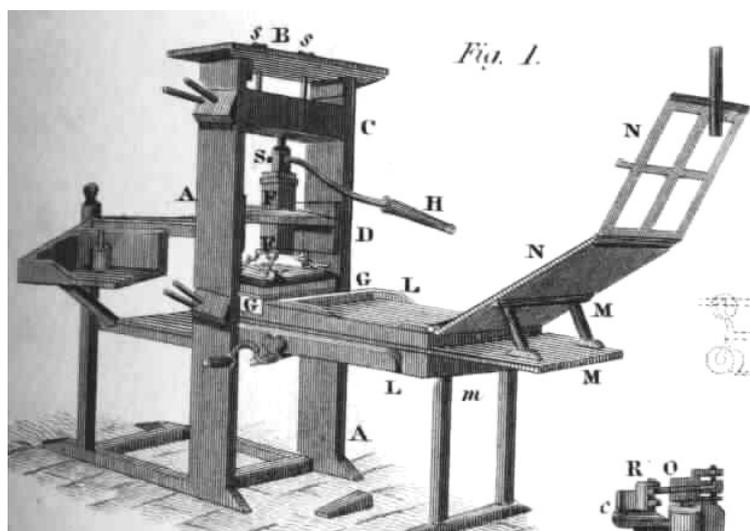
Fonte: <http://www.escriitoriodolivro.com.br/index.html>.

Em 1440, o alemão Johannes Gutenberg, um mestre gráfico alemão, e ex-ourives, aprendeu a nova arte da impressão com caracteres móveis. Seu mais famoso trabalho é uma Bíblia com páginas de 42 linhas, terminada em 1456. Como

relata Mello (1972) essa bíblia foi composta e impressa em dois volumes, duas colunas, 1282 páginas e 100 exemplares de tiragem.

Gutenberg criou a prensa de tipos móveis de chumbo. Essa invenção permitiu que a cultura se difundisse, através dos livros, que pela primeira vez passaram a ser impressos com letras uniformes e de maneira muito mais rápida. Como ressalta Paiva, a ideia revolucionária de Gutenberg foi fazer as combinações à mão e poder desmembrar o bloco da página para reutilizá-lo se necessário em outras partes, como acontece nas letras, corrigindo e diminuindo as perdas (PAIVA, 2010).

Figura 14 - Oficina de impressão em tipos móveis no tempo de Gutenberg.



Fonte: <http://www.uh.edu/engines/epi753.htm>

A imprensa moderna surge com a invenção da tipografia. Gutenberg revolucionou os processos de composição ao permitir o reaproveitamento dos caracteres na produção de páginas diferentes, tornando a impressão bem rápida.

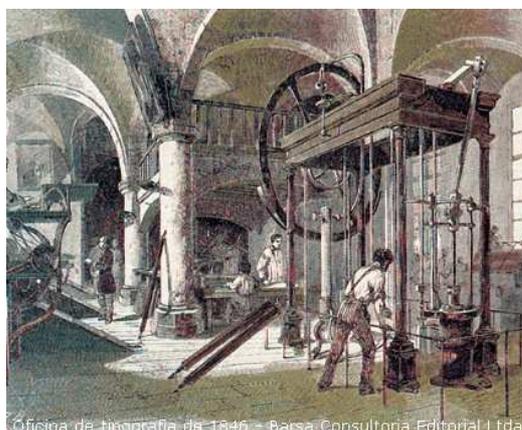
Antes, o livro era muito caro, pois tinham de ser copiados a mão ou impressos pelo método da gravura: cada página era gravada manualmente na madeira (xilografia), antes de ser impressa, o que era muito trabalhoso e demorado.

O principal feito da imprensa de Gutenberg não foi exatamente a popularização da informação (afinal, a maioria da população não sabia ler), mas foi sim a quebra do monopólio e do controle da igreja sobre a informação. Desta forma, a elite leiga começou a “pensar por conta própria”. Ler passou a ser uma necessidade para a elite governante, que desenvolveu, a partir daí, novas formas de organização política, econômica e social.

Em museus espalhados pelo mundo, como na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, existem raros e valiosos exemplares dos primeiros livros produzidos nesse sistema.

No início do século XIX, a Revolução Industrial permitiu vários avanços nas técnicas de impressão. Em 1846, o Americano Richard Roc, lança a primeira máquina rotativa de uso comercial. Segundo Martins (1998) essa máquina tinha em torno do seu cilindro central cerca de dez pequenos cilindros, o que aumentava consideravelmente as dimensões da máquina mas fazia crescer o seu rendimento de maneira extraordinária em comparação com outras máquinas da época. O passo decisivo ocorre em 1884, com a invenção do linotipo³, pelo alemão Ottmar Mergentaller e do monotipo inventado em 1887 por Lanston que, nas palavras de Labarre (1981, p.92), por serem “de manejo fácil é rápido, estas máquinas suplantaram quase completamente a composição manual” A máquina introduzia a composição mecânica dos caracteres, tornando obsoletos os tipos móveis, alinhados à mão.

Figura 15 - Oficina tipográfica de 1846.



(Fonte: Enciclopédia Barsa, 2000).

Com a passagem do tempo, depois de todos os notáveis progressos tecnológicos ocorridos com a Revolução Industrial do século XIX, no século XX a fotocomposição é introduzida nas impressões da maioria dos jornais e revistas. A

³ Linotipo é uma máquina que funde em bloco cada linha de caracteres tipográficos.

Revolução Técnico-Científica da segunda metade do século XX faz com que o modo de produção da mídia impressa, mude radicalmente. Os textos passam a ser elaborados em computadores, facilitando o trabalho de editores e repórteres. Os livros, jornais e revistas começam a lançar no mercado versões eletrônicas de suas publicações (CD-Rom) e a apresentar seus conteúdos na Rede Mundial de Computadores, a Internet.

6.4 E - BOOKS E TENDÊNCIAS ATUAIS

Oliveira (2001) diz em seu trabalho apresentado no Congresso ONLINE del Observatório para La CiberSociedade, que livros virtuais, embora fossem experimentados desde a criação dos computadores (alguns autores chegaram a lançar disquetes-livros, utilizando como ferramenta de leitura o bloco de notas), só tiveram seu “boom” a partir de 2000, com o lançamento de *Riding the Bullet*⁴ de Stephen King. Ainda Paiva (2010, p.84) esclarece que o e-book quer tornar-se um método de armazenamento de pouco custo e de fácil acesso devido à propagação da internet.

Figura 16 - Livro de Stephen King em um e-book.



Fonte: <http://ipadbookcenter.com/>.

No Brasil, os escritores brasileiros Mário Prata e João Ubaldo Ribeiro também testaram a nova tecnologia. Mario Prata foi o pioneiro, ao escrever na Web o

⁴ Riding the Bullet traduzindo para o português é Andar na Bala.

romance *Os Anjos de Badaró*. O conceito é tão atraente que, segundo artigo do jornal *Correio Braziliense*, publicado em 7 de novembro de 2011, a popularização de tablets (um computador em forma de prancheta eletrônica, sem teclado e com tela sensível ao toque) no país está inspirando escolas a utilizarem essa nova tecnologia para substituir os livros convencionais para versões digitais. Durante a 52ª Feira do Livro de Frankfurt e-Book Award, foi dado o primeiro prêmio de prestígio destinado à leitura eletrônica.

Silva (2002) observa que o livro eletrônico, por ser de passado recente, ainda não possui um só termo que o designe (e-book, i-book, livro eletrônico, hipertexto, livro digital, etc.) e, por conseguinte, uma conceituação única ou uniforme.

O livro digital ou eletrônico é qualquer livro apresentado em forma digital. De acordo com Paiva (2010), o e-book pode ser lido em equipamentos eletrônicos tais como computadores, PDAs (computadores de dimensões reduzidas dotados de grandes capacidades computacionais) ou até mesmo celulares que suportem esse recurso. Os livros digitais podem ser disponibilizados na internet ou armazenados a partir de pen drive, CD-Rom ou qualquer mídia móvel.

Normalmente os novos equipamentos de informática como Laptop, Tablet (iPad), Netbook e entre outros apresentam-se como pequenos aparelhos dotados de uma tela de cristal líquido cujo formato varia de acordo com o modelo, permitindo essencialmente o aparecimento do texto. Essas máquinas são leves, comunicativas e sua capacidade de memória propicia a estocagem de vários livros. Ocupando pouco espaço, os tablets se diferenciam dos computadores convencionais pela ausência de teclado, de micro-processador importante, de periféricos, etc. São utensílios inteiramente dedicados à leitura, cujas funções otimizam um maior conforto, e “com a popularização de aparelhos portáteis e a fabricação de telas que tornam menos cansativas a leitura podem ajudar nesse processo” (OLIVEIRA, 2001).

Figura 17 - Tablet.



(Fonte: <http://ipadbookcenter.com/>)

7 LISTA DE SITES QUE DISPONIBILIZAM E-BOOKS

Complementando o que foi descrito acima, apresenta-se a seguir uma lista de sites que disponibilizam e-books, como reflexo de uma das principais tendências do momento atual, em que se procura colocar o máximo de conteúdo possível à disposição dos usuários.

Barnes&Noble: www.bn.com.

O site da Barnes&Noble, grande cadeia americana de livrarias. Disponibiliza cerca de 30 milhões de produtos.

Glassbook Reader: www.glassbook.com.

Permite o download gratuito do Glassbook Reader, software para a leitura de e-books publicados por editoras como Simon & Schuster e Random House.

Microsoft Reader: www.microsoft.com/reader.

O gigante da informática também tem um software para leitores de e-books, o Microsoft Reader.

Random House: www.randomhouse.com.

A página de livros eletrônicos da editora oferece download de obras de Charlotte Brontë, Jane Austen e Dostoiévski por US\$ 4,95.

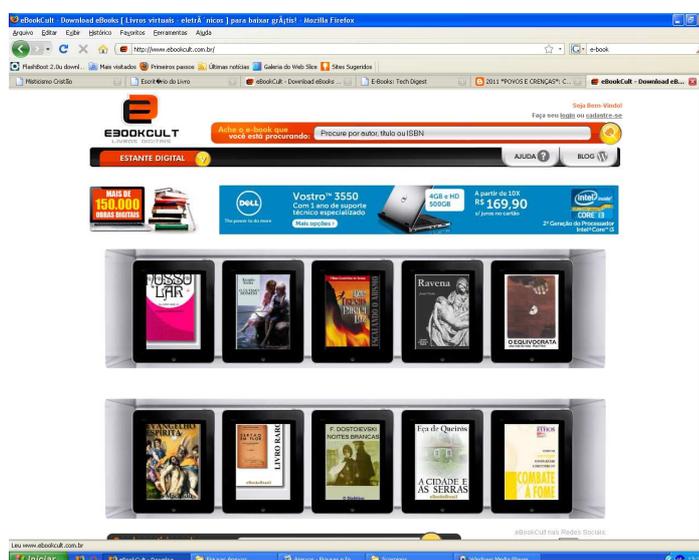
Papel Virtual: www.papelvirtual.com.br

Os livros podem ser comprados em formato digital ou impresso e também facilita o trabalho de quem quer publicar, com a cobrança de um preço bem mais em conta que o da publicação convencional em papel para a publicação de um trabalho.

E-book Cult: <http://www.ebookcult.com.br/?acao=>

Integra um projeto diferente onde os livros que estão lá têm download gratuito, bancado pelos patrocinadores. Qualquer pessoa que tiver um scanner pode digitalizar um livro e mandar para lá para ser baixado por outras pessoas.

Figura 18. Site de venda de e-books: site de venda de e-books.



Permite aos visitantes fazerem “download” de capítulos dos livros desejados para avaliação. (Fonte: <http://www.ebookcult.com.br/>)

Pode-se dizer que os dados atualmente disponíveis apontam para uma grande demanda futura dos livros eletrônicos em função de algumas vantagens que eles possuem em relação aos livros impressos, o que não significa que estes automaticamente desaparecerão.

8 CONCLUSÃO

A revisão de literatura proposta se justifica como exploração de um conjunto documental que comprova a veracidade e a consistência da trajetória do livro, desde sua aparição até os dias atuais, bem como das funções por ele desempenhadas nas diversas sociedades, seja como suporte de leitura, gerador e disseminador de conhecimento, e conseqüentemente como elemento civilizatório.

Ao longo da trajetória do livro e das práticas de leitura e escrita, a tecnologia desempenhou um papel fundamental. No caminho percorrido das inscrições rupestres, tábuas de argila, papiro, pergaminho, papel, livro, computador, cd-rom, até o surgimento da Internet e dos e-books, a utilização da tecnologia foi e, ainda é hoje, uma constante, seja viabilizando a descoberta de novas formas de codificação ou possibilitando que novos meios surjam de acordo com as necessidades do homem.

Por se viver na era da informação, em que quase todas as funções e atividades humanas acabam sendo incorporadas ao computador, não é surpresa que o livro também tenha de se adaptar a esse contexto e, dessa forma, satisfazer as sempre crescentes demandas de leitores e/ou usuários da informação.

A princípio pode parecer absurda a idéia de que o livro, tal qual se conhece, será extinto. Isso porque o livro impresso não desaparecerá tão cedo, pois está profundamente arraigado à cultura da transmissão impressa e ao seu uso generalizado por parte de um amplo contingente de leitores. Por outro lado, o e-book está se popularizando cada vez mais, o que contribui para certas previsões quanto ao desaparecimento do livro impresso.

O que não se pode esquecer é que nem sempre o "novo" anula o "antigo", às vezes apenas o modifica, e que as inovações surgem para satisfazer as necessidades dos tempos atuais, que exigem muito mais rapidez e eficiência.

Como ocorreu no passado, quando a imprensa de Gutenberg não erradicou o gosto pelo texto escrito à mão e a maioria dos incunábulos tinha aparência de manuscrito, produtores de livros eletrônicos tentam reproduzir as características físicas e os aspectos práticos do impresso, como a sua portabilidade, procurando imitar as velhas formas físicas do livro impresso.

Ressaltando Chartier (1998^a):

[...] o livro, enquanto objeto de leitura, vive uma pluralidade de existências, sendo a eletrônica apenas uma delas. É, portanto, uma forma de convivência entre o tradicional e o revolucionário que percebemos neste cenário de profundas mudanças pelas quais têm passado nossos objetos de leitura.

O livro impresso tem uma longa trajetória que lhe confere um alto grau de confiabilidade e estabilidade. Tem na perenidade de registro da história da humanidade, uma das suas vantagens sobre o livro eletrônico, pois os documentos produzidos em meio digital ainda não garantem a longevidade de sua utilização. A perda de dados nesse tipo de mídia, pelo menos nos dias atuais, é muito maior que na forma impressa.

Tem-se a convivência dos dois instrumentos de representação do conhecimento humano por longos e longos anos. A supremacia de um sobre o outro caberá ao tempo (e também, sem dúvida, aos avanços tecnológicos e às preferências humanas) determinar.

9 REFERÊNCIAS

BARATA, Dulce Fernandes. Disponível em:

<<http://www.kplus.com.br/materia.asp?co=42&rv=Literatura>>. Acesso em 15 de setembro de 2011.

CAMPOS, Arnaldo. **Breve história do livro**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994. 234p. (Série revisão; 40)

CARABAJAL, Mário. **Síntese histórica do surgimento e evolução da escrita**. Disponível em: <<http://www.academialetrasbrasil.org.br/histescrita.htm>>. Acesso em: 20 out. 2011.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador**: conversações com Jean Lebrun Roger Chartier. São Paulo: Unesp, 1998. 159p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4. ed. Curitiba, PR: Positivo, 2009. 2120 p. ; ISBN 9788538528258

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa: Editorial Enciclopédia, [199?]. p.658. v.13.

IRES, Cláudia. **Antecedentes históricos da escrita**. Disponível em: <<http://www.revista-temas.com/contacto/NewFiles/Contacto12.html>>. Acesso em: 08 nov. 2011.

JEAN, Georges. **A escrita**: memória dos homens. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. 224p.

LABARRE, Albert. **História do livro**. Trad. [do francês] de Maria Armanda Torres e Abreu. São Paulo: Editora Cultrix, 1981.

LEVACOV, Marília. Disponível em: <<http://www.levacov.eng.br/marilia/historialivro.pdf>> Acesso em 12 de setembro de 2011.

LÍTTON, Gáston. Incunables. In: **Del libro y su historia**. Argentina, Bowker, 1949. p. 74-83.

MAIA, Flávia. Conhecimento na ponta dos dedos. **Correio Braziliense**: Educação, Brasília, p. 22-23. 7 nov. 2011.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**. São Paulo: Ática, 1998. 519p.

_____. **Palavra escrita:** historia do livro, da imprensa e da biblioteca. Sao Paulo: Anhembi, 1957. 549 p.

MELLO, José Barboza. **Síntese histórica do livro.** Rio de Janeiro: Leitura, 1972. 341 p.

OLIVEIRA, Ivan Carlo Andrade de. **Livros virtuais:** a literatura na rede. Disponível em <<http://www.cibersociedad.net/congreso/comms/g06andrade.pdf>>. Acesso em 04 de outubro de 2011.

PÁDUA, Jakeline Vilela de. **O papel:** trajetória através dos tempos. Brasília: UNB, 2002.

PAIVA, Ana Paula Mathias de. **A aventura do livro experimental.** São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 140 p.

PIRES, Cláudia. Antecedentes históricos da escrita. **Revista temas.** Disponível em: <<http://www.revista-temas.com/contacto/NewFiles/Contacto12.html>>. Acesso em: 20 out. 2011.

QUEIROZ, Rita C. R.. A informação escrita: do manuscrito ao texto virtual. In: **VI CIFORM - Encontro Nacional de Ciência da Informação**, 2005, Salvador. Anais eletrônicos:http://www.cinform.ufba.br/vi_anais/, 2005.

SILVA, Luiz Otávio Maciel da. **O livro eletrônico:** mudando paradigmas. Disponível em: <www.sibi.ufrj.br/snbu2002/oralpdf/78.a.pdf>. Acesso em 6 de outubro de 2011.

SILVA FILHO, José Tavares da. **Da evolução da escrita ao livro.** Disponível em: <<http://www.forum.ufrj.br/biblioteca/escrita.html>>. Acesso em: 09 nov. 2011.

WIKIPEDIA. **Hieroglifos.** Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hier%C3%B3glifo>>. Acesso em: 08 nov. 2011.

ANEXO - GLOSSÁRIO DE ALGUNS TERMOS ENCONTRADOS EM TEXTOS SOBRE LIVROS

Glossário UOL. (Fonte: <http://www2.uol.com.br/cultvox/gratis/glossario.html>), *Dicionário Aurélio* e *Enciclopédia Barsa*.

1x1 (uma por uma): refere-se à impressão em uma cor dos dois lados do papel. O **miolo** (ou seja, as páginas internas) de um livro costuma ser em uma por uma, visto que cada folha é impressa dos dois lados e apenas em preto.

4x0 (quatro por zero): é a impressão em quatro cores de um lado do papel e nenhuma cor do outro. Em geral usa-se essa impressão nas capas dos livros. No interior as capas são brancas e apresentam quatro cores (azul, magenta, amarelo e preto) do lado de fora. Mas há muitas outras combinações possíveis - 4x1 ou 4x4.

Aldus Manutius: humanista italiano que por volta de 1493, debatendo-se com dificuldades para ensinar sem edições acadêmicas dos clássicos em formatos práticos, decidiu exercer a arte de Gutenberg e montou uma oficina de impressão em Veneza. Em 1494 publicou - Sófocles, Aristóteles, Platão, Tucídides, Virgílio, Horácio, Ovídio - Em 1501 publicou uma coleção de livros de bolso *in-octavo* - metade do tamanho de um *in-quarto* - foi tão bem sucedida que foi imitada por toda a Europa. Faleceu em 1515.

Alfabeto: A invenção do alfabeto é atribuída aos **fenícios:** por volta do ano 1000 a.C. os quais, utilizando a abstração alfabética, isto é, substituindo cada som por uma letra, formaram o primeiro alfabeto da História.

Alexandria: cidade da mais famosa biblioteca da Antiguidade, organizada no século III a.C.

Alfarrábio: livro antigo ou velho e de pouco préstimo, ou valioso por ser antigo.

Ante-rosto: página que antecede o rosto ou frontispício, na qual se mostra o título ou o nome da seção, composto normalmente em tipos maiores.

Batida de emenda: este é o trabalho do revisor. Ele confere se as mudanças feitas na primeira prova foram cumpridas pelo paginador.

Best-seller: termo em inglês que significa campeão de vendas, ou "mais vendido".

Bibliófilo: é o nome dado à pessoa que tem amor pelo livro ou é um colecionador de livros.

Bibliografia: ramo da bibliologia que trata do estudo dos textos impressos, com vistas à sua transcrição, descrição, classificação e reunião sistemática.

Bibliologia: conjunto de técnicas e conhecimentos que abrangem os diferentes aspectos da história dos livros, como origem, evolução, produção, publicação, descrição, enumeração, restauração e organização em coleções de uso público ou privado.

Biblioteca Ambrosiana: biblioteca fundada em 1609 em Milão, integrada pelos livros e obras do acervo de santo Ambrósio.

Biblioteca Apostólica do Vaticano: biblioteca criada no Vaticano durante o papado de Bento XIV, e assim chamada após a catalogação dos manuscritos de seu acervo.

Biblioteca de Alexandria: famosa biblioteca da antiguidade, fundada em 290 a.C. por Ptolomeu Soter do Egito e ampliada por Ptolomeu III em 235 a.C. Chegou a reunir mais de 700.000 volumes. Incendiada em 48 a.C. e destruída no ano 391.

Biblioteca de Pérgamo: famosa biblioteca da cidade de Pérgamo, na Anatólia. Fundada por Átalo I, abrigou cerca de 200.000 pergaminhos no século I. a.C. Legada aos romanos em 133 a.C. por Átalo III, sua coleção de obras só era inferior à biblioteca de Alexandria.

Biblioteca de Sainte-Geneviève: instituição fundada em Paris em 1624. Tem mais de um milhão de volumes, mais de mil incunábulos e milhares de manuscritos. Instalada em 1850 num prédio construído por Henri Labrouste.

Biblioteca do Congresso Americano: biblioteca nacional fundada em 1800 em Washington, EUA. Uma das maiores bibliotecas do mundo, tem como função

principal servir de fonte de informações ao Congresso e outros órgãos oficiais do país.

Biblioteca Nacional de Madri: instituição fundada em 1712. Tem mais de dois milhões de volumes impressos e uma coleção de manuscritos árabes e castelhanos medievais.

Biblioteca Nacional de Paris: instituição fundada em Paris em 1480. Tem cerca de seis milhões de livros impressos e uma coleção de manuscritos.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro: biblioteca fundada em 1810 por D. João VI, a partir de 60 mil volumes que pertenciam à Biblioteca Real da Ajuda. A maior biblioteca da América do Sul, com cerca de 3,5 milhões de peças, entre livros, periódicos e manuscritos.

Biblioteca Real de San Lorenzo: instituição fundada no Escorial, na Espanha, em 1575. Notável pela coleção de manuscritos árabes e moçárabes.

Boneca: a primeira impressão do livro, apenas uma prova em folhas, sem qualquer acabamento.

Brochura: livro de capa mole. O tipo mais comum de livro. Em inglês se diz "paperback".

Buquinar: procurar livros em sebos.

Cabeço: título do livro ou do capítulo (por convenção, nas páginas ímpares) e nome do autor (nas pares). Usa-se para orientar ao leitor em que capítulo está.

Cabeceado (ou cabeçada): pequeno cordão, normalmente colorido, em geral de seda ou algodão, colocado nas extremidades da lombada do livro encadernado.

Caderno: folhas impressas dobradas, normalmente com dezesseis ou 32 páginas.

Caixa alta: letra maiúscula. Dá-se esse nome desde os tempos da composição das letras com chumbo, quando as letras eram impressas a partir de caixas e as maiúsculas ficavam dispostas mais ao alto do que as minúsculas.

Caixa baixa: letra minúscula.

Calendário do Livro: 29 de outubro - Dia Nacional do Livro; 23 de abril - Dia Mundial do Livro; 18 de Abril - Dia Nacional do Livro Infantil; 2 de abril - Dia Mundial do Livro Infantil; 14 de Março - Dia do Vendedor de Livro.

Câmara Brasileira do Livro: A Câmara Brasileira do Livro (CBL), fundada em 20 de setembro de 1946, tem como principal objetivo promover o livro e estimular a leitura no País.

Capista: pessoa responsável pela arte da capa do livro.

Capitular: letra grande, geralmente ornamentada, que se põe num livro em início de capítulo.

Caráter: letra ou símbolo tipográfico individual.

Catálogo: lista completa dos títulos lançados pelo editor, incluindo-se as previsões dos novos lançamentos.

Catatau: dá-se este simpático nome aos livros muito grossos, com muitas páginas.

Catálogo: lista completa dos títulos lançados por uma editora, além das previsões de lançamentos.

Clichê: chapa para impressão tipográfica.

Clichê de gravação: forma ou matriz usada para gravar as capas de livros encadernados.

Clube de livro: organização comercial que distribui e edita edições especiais de livros para seus membros em termos preferenciais, como retribuição a um compromisso de compra mínimo.

Códice ou codex: conjunto de folhas escritas a mão em materiais como o papiro ou pergaminho. A palavra é de origem latina e quer dizer "tronco, raiz", o que confirma a origem vegetal dos materiais utilizados.

Co-edição: edição realizada mediante convênio entre editoras.

Colofão: do grego **kolophon**; significa final, término. Dá-se o nome de colofão à página ao final do livro onde encontram-se os nomes do autor, tradutor, editora e data de impressão.

Código de barras: é o número de ISBN, ou de identificação dos livros, convertido em barras de leitura ótica. É fundamental para organizar os livros numa livraria e numa editora.

Composição: função do diagramador de converter o arquivo do texto escrito pelo autor para um programa determinado de paginação. Os programas mais utilizados são: Quark (Macintosh), Page Maker (PC).

Conselho editorial: grupo de intelectuais ou pessoas qualificadas para a seleção de títulos a serem editados por uma editora.

Consignação: é o ato de uma livraria tomar emprestado um livro, sem remunerar a editora ou o autor, a título de disponibilizar o livro na livraria para venda. Quando se iniciam as vendas, a editora é remunerada e o autor também. As livrarias e distribuidores, em geral, retêm 50% do preço de capa do livro.

Contracapa ou quarta capa: o verso de um livro. Tem o nome de "quarta capa" porque a primeira é a capa, o outro lado da capa é o segundo; o terceiro é a parte branca da contracapa - a qual é a quarta.

Copydesk: termo em inglês que quer dizer quando o original de um autor é preparado.

Copyright: termo em inglês que significa "direitos de reprodução". Os direitos são da editora ou do autor ou de alguma outra empresa ou instituição.

Corpo: tamanho da letra.

Costura: juntar em volume os cadernos impressos, com auxílio de uma costuradeira, antes da colocação da capa.

Costura lateral: acabamento com costura lateral no lugar daquela feita na lombada dos cadernos impressos.

Créditos: dá-se os créditos para toda equipe de composição de um livro. Por exemplo: indicação do nome do tradutor, organizador, redator, co-autor, são, obrigatoriamente, creditados.

Diagramação: atividade do diagramador que, a partir de um programa de paginação, dispõe o texto na página de uma maneira estética, organizada e fácil de ler. Um bom diagramador, além dessas noções, deve saber como se livrar de problemas como "viúvas" e "forcas".

Digitalização: Converter (imagem ou sinal analógico) para o código digital, por meio de um scanner ou de uma mesa digitalizadora gráfica, ou mediante dispositivo de conversão de sinal analógico para digital. fonte (Dic. *Aurélio*). Processo pelo qual aquilo que está em papel se torna digital.

Direitos subsidiários: direitos de uso de um livro de forma diferente da publicação original: reimpressão com outro formato ou acabamento; distribuição por clube de livro, seriação, tradução, adaptação para filme, etc.

Domínio público: as obras que estão em domínio público são aquelas cujo autor já faleceu há 70 anos. Estas obras já não pertencem a nenhuma instituição ou empresa particular e não há mais política de detenção de direitos autorais sobre as obras do autor.

Douração do corte superior: douração aplicada ao corte superior das páginas do livro.

E-Book: termo em inglês que significa "eletronic book" ou livro eletrônico (e-livro).

Edição: versão específica de um livro, que pode diferir de outras versões devido ao conteúdo, formato ou mercado (por exemplo: edição revisada, edição para clube de livro, edição didática).

Editoração: 1. seleção, criação ou solicitação de materiais para publicação; 2. preparação de originais para posterior composição.

Ex-libris: Fórmula que se inscreve nos livros, acompanhada do nome, das iniciais ou de outro sinal pessoal, para marcar posse. (Fonte: Dic. *Aurélio*.)

E-livro: ou livro eletrônico, é a versão digital de um livro impresso em papel.

Exemplar: cópia individual de um livro. Em média, os livros, no Brasil, têm uma tiragem de 3,000 (três mil) exemplares por ano; ou seja, vendem, em média, 3,000 exemplares ou cópias.

Exemplar para promoção: exemplar fornecido gratuitamente aos jornais e outros veículos para inclusão em noticiários, resenhas ou críticas.

Ex-libris: pequena marca decorativa colocada geralmente na capa interna de um livro, ostentando o nome do seu proprietário ou outros dados bibliográficos.

Feira de Frankfurt: a mais importante feira mundial de editoras. Acontece todos os anos em outubro, na cidade de Frankfurt, na Alemanha.

Ficha catalográfica: Documento fornecido pela CBL, ou Câmara Brasileira do Livro. A editora ou autor requer a ficha para a CBL e paga uma taxa. Essa ficha é útil para as bibliotecas catalogarem o livro em seus sistemas.

Fólio: número de página.

Fonte: caracteres disponíveis para um dado tipo num corpo, peso ou variedade específica.

Forma: montagem da composição das páginas a serem impressas apenas de um lado da folha de impressão.

Formato refilado: formato final da página.

Fotolito: é o filme gerado a partir do arquivo de um livro que passou por todas as etapas e já pode ir para a gráfica ou impressão.

Frontispício: página do início do livro, normalmente com planejamento visual especial, contendo o título do livro e nomes do autor e da editora.

Gaze: pedaço de pano ou papel de alta resistência colado à lombada do livro e às guardas dos livros encadernados

Ghostwriter: termo em inglês que designa o "escritor fantasma", ou seja, aquele profissional tem prática em escrever e ajuda o autor a redigir o livro de maneira profissional. Pode ou não ser mencionado nos créditos como um co-autor.

Grafocentrismo: característica da sociedade moderna em conferir extremo valor ético, jurídico e moral a tudo o que é escrito.

Gramatura: peso do papel em gramas por metro quadrado.

Gravação: impressão ou estampagem de títulos e outros materiais na capa da encadernação.

Gravação a seco: gravação em branco, feita sem tinta ou lâmina metálica.

Guardas: páginas com grande gramatura, às vezes decorada, postas no início e no fim dos livros encadernados.

Gutenberg: Johann Gensfleisch zum Gutenberg: Nascido em 1400 na Mogúncia, Alemanha. Inventor da impressão com caracteres móveis, ou seja, a reprodução mecânica de livros, a qual possibilitou a industrialização, ou produção em larga escala dos livros. Gutenberg é conhecido como pai da Imprensa. Teve sócio capitalista que acreditavam na sua idéia, como Fust; e Shoffer, um calígrafo e copista. Morreu pobre em 3-02-1468. (Os chineses já haviam inventado os tipos móveis bem antes e Gutenberg, mas como não houve disseminação em larga

escala da cultura da impressão na China, convencionou-se atribuir a massificação da imprensa a Gutenberg).

Iluminura: os manuscritos e os códices costumavam ser adornados com margens, letras iniciais e uma ornamentação chamada *miniatura* palavra que vem do latim *miniare* ou *iluminare*, verbos que se referem ao uso da cor vermelha do mínio (em latim, minium).

Incunábulo: do latim *incunabulum*, berço. Assim são chamadas as obras mais antigas, cuja impressão é anterior ao ano de 1500, e que correspondem à infância da imprensa.

Impressão: processo de impressão de imagens sobre papel ou outra superfície.

Impressão tipográfica: processo de impressão no qual as matrizes são feitas em alto-relevo.

ISBN: siglas em inglês que significam "International Standard Book Number" ou número padrão internacional dos livros. É um número de identificação dos livros. Cada país tem o seu; o Brasil é o 85. A ordem correta indica: o número do país, seguido do da editora e do número específico da obra.

Itálico: estilo de letra que aparece "deitada", para destacar nomes de pessoas, de obras ou palavra em língua estrangeira. Por exemplo: *itálico*.

Linha editorial: é o perfil de publicações que são recorrentes de uma editora. Por exemplo: quando uma editora lança muitos livros só de filosofia ou só de história, etc.

Livro: a palavra "livro" está ligada desde sua origem ao suporte material. "Liber, libri", do latim, designava a entrecasca das árvores usada pelos antigos para escrever. Até meados do século 15, as letras eram traçadas à mão em pergaminhos pelos copistas. Por volta de 1455, o alemão Johanen Gutenberg (1397-1468) aperfeiçoou um tipo rudimentar de imprensa, supostamente trazido da China por Marco Polo, ajustando-lhe o prelo e melhorando o mecanismo de letras móveis

(tipografia). Com ela, imprimiu uma Bíblia de 1.282 páginas, em dois volumes e com tiragem de 100 exemplares, toda em caracteres góticos que imitavam a caligrafia da época. As tipografias se espalharam rapidamente pela Europa. Em 1480, 23 cidades alemãs dispunham de oficinas impressoras. Os primeiros livros, impressos até 1500, são os chamados incunábulo.

Livro consumível: livro educacional planejado para ser anotado, escrito, cortado ou utilizado de qualquer outra forma durante o uso.

Livro didático: livro criado predominantemente para uso na educação formal e com aparato educacional, tal como sumários e questões de teste.

Livro instantâneo: livro de grande interesse de momento, escrito, produzido e comercializado com grande velocidade.

Livros de horas: devocionários, gênero de publicação religiosa (as orações do dia).

Livros de interesse geral: títulos criados predominantemente para o consumidor geral e comercializados através de livrarias.

Livros de programação contínua: esquema de venda por mala direta em que o consumidor se compromete a aceitar envios periódicos de livros em série, com opção para cancelar seu compromisso em qualquer época.

Livros eruditos: livros que visam a áreas altamente especializadas de conhecimento e de pesquisa avançada.

Livros escolares: livros didáticos para ensino infantil, fundamental e médio graus.

Livros profissionais: livros criados predominantemente como instrumentos de trabalho para profissionais e comerciantes.

Livros religiosos: bíblias, testamentos, hinários, livros de orações e outros trabalhos que tratem de temas religiosos.

Lombada: a lateral quadrada ou espinha do livro, que fica entre a capa e a contracapa. Pode ser quadrada (mais comum em brochuras); abaulada ou arredondada (mais usada em capas duras). Nela aparece o nome e o logotipo da editora, o título do livro e nome do autor. No Brasil a norma é situar essas informações de baixo para cima. Nos EUA a norma é ao contrário, de cima para baixo.

Lombada canoa: é a lombada das revistas, na qual não há como escrever nada pois é grampeada no meio. Também recebe o nome de "**grampo a cavalo**".

Lombada quadrada: tipo de lombada que não é arredondada; lombo chato.

Manuscrito: termo latino - **manus**, mão; **scriptus**, escrito. Papel ou livro escrito a mão que contém anotações, rasuras, com a própria letra do autor. Se pertencer a um autor famoso, adquire alto valor como obra rara. Os primeiros livros impressos imitavam os manuscritos em formato externo e também as letras do texto imitavam a caligrafia dos manuscritos.

Medianiz: margem interna da página de um livro.

Mercado de massas: mercado do livro que se estende além dos tradicionais pontos de venda (tais como livrarias, lojas de departamentos ou papelarias) para incluir bancas de jornais, bazares, cadeias de lojas e supermercados.

Mercado editorial: Segundo estudos da Câmara Brasileira do Livro, o mercado brasileiro edita (em dados do ano 2000) cerca de 45 mil títulos por ano, vende 335 milhões de exemplares e movimenta mais de dois bilhões de reais. O mercado editorial americano movimenta 50 bilhões de reais em livros.

Monteiro Lobato, José Bento: Escritor e empresário. Nasce em Taubaté, forma-se na Faculdade de Direito de São Paulo, exercendo a profissão como promotor público. Inicia em 1918 sua carreira de escritor publicando o livro de estréia,

"Urupês", em que expõe a miséria do lavrador brasileiro. Depois vem a obra consagrada: "Sítio do Picapau Amarelo", inaugurando a literatura infantil brasileira. Personalidade influente na vida do país e entusiasmado com o progresso dos EUA, publica a obra "América" e "O escândalo do Petróleo", onde faz duras críticas à crise energética. Em consequência disso é preso por três meses. Fundou a Companhia Editora Nacional e praticamente consolidou a indústria editorial no país.

Miolo: conjunto das páginas que formam o livro, menos a capa.

Monografia: estudo acadêmico de alto nível e especializado

Negrito: letra destacada com cor negra ou mais grossa que o restante do texto. É utilizada em citações de livros, palavras estrangeiras, títulos e subtítulos.

Offset: processo pelo qual a impressão sobre o papel é feita através de um cilindro de borracha (blanqueta) que por sua vez recebe a imagem transferida do cilindro da chapa.

Olho: primeira página do livro; apresenta, em geral, o título do livro.

Orelha: continuação da primeira e quarta capa, que é dobrada para dentro do livro e na qual se encontra uma breve biografia do autor ou uma apresentação do livro.

Opacidade: indica o grau de não-transparência do papel. Quanto mais opaco, melhor será a impressão do livro.

Opção negativa: técnica de comercialização dos clube de livro do sistema americano, pela qual os membros recebem a seleção automaticamente a menos que notifiquem ao clube que não a desejam.

Original: é o texto entregue pelo autor, sem estar revisado. Pode ser um manuscrito ou um arquivo digital.

Original não solicitado: manuscrito submetido ao editor diretamente pelo autor (sem um agente intermediário) e que o editor não solicitou para avaliação.

pBook: abreviação para "paper-book" ou "livro de papel". O termo aparece em contraste com "eBook" ou "livro eletrônico".

Paginação: é a tarefa de organizar o texto numa página. Pode ser usado como sinônimo de diagramação.

Palimpsestos: manuscrito em pergaminho que, devido a escassez deste material e seu preço elevado, os copistas da Idade Média raspavam e reutilizavam. Muitos clássicos foram perdidos devido a essa prática.

Papel couchê: papel com tratamento especial de cargas minerais, indicado para impressão de ilustrações.

Pequena tiragem: edição com impressão de pequeno número de exemplares.

Perfect binding: também conhecido com PB ou lombada quadrada. Processo pelo qual a lombada das folhas impressas e dobradas é fresada e depois recebe a capa através de um adesivo muito forte.

Pérgamo: como o próprio nome diz, trata-se da cidade aonde surgiu o pergaminho, que era produto de uma técnica de aproveitamento da pele de carneiro. Notabilizou-se também pela biblioteca e pela escola de gramática nela situada.

Preço de capa: é o preço sugerido pela editora para ser vendido ao consumidor final.

Prêmio Camões: instituído em 1989, o prêmio tem o patrocínio dos governos de Portugal e Brasil e é entregue a um escritor que se expressa em português e, como isso, contribui para o enriquecimento do patrimônio literário e cultural da língua. O vencedor recebe 100 mil dólares. O júri é formado por seis escritores, três brasileiros e três portugueses.

Prêmio Jabuti: mais importante prêmio da literatura brasileira, concedido anualmente pela Câmara Brasileira do Livro, desde 1959. Compõe-se de um júri de escritores associados à CBL e só concorrem os livros de editoras também associadas à Câmara. São escolhidos os livros do ano - um de ficção e outro de

não-ficção - e o vencedor ganha um prêmio de 10 mil reais. Há também duas premiações especiais: autor revelação (de livros infantis) e ao amigo do livro (pessoa ou instituição que se destaca na promoção ou divulgação do livro). A cerimônia de entrega acontece nas Bienais do Rio e São Paulo.

Preparação de originais: meticoloso trabalho de editoração do manuscrito antes da composição.

Prova: quando o original já foi diagramado mas ainda não foi impresso.

Publicação por vaidade: publicação paga inteiramente ou substancialmente pelo autor.

Reader: palavra em inglês que significa "leitor". Designa o software que é utilizado para ler livros digitais. Exemplo: Acrobat Reader e Microsot Reader são os "readers" mais utilizados da Internet.

Reading Device: ou veículo de leitura. O Pocket PC (computador de bolso) ou o Palm são veículos de leitura de e-livros. Por serem portáteis, tornam o livro eletrônico também um produto portátil.

Real Mesa Censória: órgão de censura criado por Pombal à época da Inquisição, em 1768. Além de perseguir judeus, protestantes, feiticeiras, astrólogos, a Inquisição também perseguiu livros, que eram queimados e rasgados em autos-de-fé (solenidade inquisitorial em que se aplicava o suplício do fogo).

Reedição: uma reedição ocorre quando um livro é alterado em seu conteúdo; termos, trechos ou capítulos são acrescentados, mudando o conteúdo da primeira edição e configurando uma segunda edição e assim sucessivamente, sempre que há alguma alteração ou atualização.

Refile: corte de uma ilustração, de uma página ou de um livro impresso e já montado.

Reimpressão: nome dado à tiragem posterior à primeira edição. Caracteriza-se pela reprodução do livro sem alterar o conteúdo.

Reprográfico: relativo às formas **não tradicionais** de impressão: fotocópias, eletrocópia, termocópia, microfilmagem, heliografia, xerografia, etc.

Rodes: cidade que, no primeiro século da era cristã, se afirma como a grande “cidade universitária” e referência de centro de estudos para gregos e romanos. É em Rodes que Dionísio Trácio escreve a primeira gramática grega.

Sebo: Livraria onde se vende livros usados.

Sindicato Nacional dos editores de livro: O Sindicato Nacional dos Editores de Livros é uma sociedade civil que tem como finalidades o estudo e a coordenação das atividades editoriais no Brasil, bem como a proteção e a representação legal da categoria econômica de editores de livros e publicações culturais com base territorial em todo o país.

Sobrecapa: capa decorativa e protetora colocada sobre o livro encadernado que serve também para fins promocionais.

Tipo: caráter de desenho específico, em diferentes corpos e tamanhos.

Tipografia: Arte que compreende as várias operações conducentes à impressão dos textos, desde a criação dos caracteres à sua composição e impressão, de modo que resulte num produto gráfico ao mesmo tempo adequado, legível e agradável. (Fonte: Dic. *Aurélio*.)

Título corrente: linha que se costuma colocar no alto de cada página e que identifica o livro, partes ou capítulos.

Xilografia: processo de impressão, sobre papel, de relevos entalhados em madeira. Proliferou no Nordeste como forma rudimentar de expressão artística, usada, sobretudo, na ilustração dos folhetos de cordel. Confunde-se com a xilogravura, a ilustração propriamente dita, ou a peça de madeira, no original, não destinada à reprodução multiplicada pela impressão.

